



MENDONÇA, Célida Salume. **Vestígios de um processo de criação: literatura e memória.** Salvador: Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta. Escola de Teatro – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (UFBA).

## RESUMO

No terceiro semestre do curso de Licenciatura em Teatro os alunos da Escola de Teatro – UFBA vivenciam um processo de montagem que dialoga com o subcomponente Literatura Aplicada ao Teatro Educação. A ressonância das imagens construídas nesse percurso reflete a indissociabilidade entre memória e criação. O presente trabalho recupera os vestígios dessa experiência que ficaram suspensos a partir da aderência do corpo discente ao movimento de greve destacando sua dimensão processual.

Palavras chave: processo criativo; literatura; vestígios; memória; imagens.

## RESUMÉ

Dans le troisième semestre de la Licence en Théâtre de l'Université Fédéral de Bahia, les étudiants expérience un processus de montage qui dialogue avec la littérature appliquée au Théâtre-Education. La propagation des images construits dan cette trajectoire montre la indissociabilité entre la mémoire et la création. Ce texte propose de reprendre les traces de cette expérience qui a été interrompu à cause de la grève de professeurs qui compte avec la participation des étudiants. Cela mettre en évidence la dimension processuel de ce travail.

Mots Clés : Processus créative. Littérature. Traces. Mémoire. Images.

## Introdução

A reflexão que se segue recupera as imagens suscitadas pelos pré-textos utilizados com os alunos do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Teatro da UFBA no processo de Montagem Didática II. O percurso nasce da seleção do material trabalhado no subcomponente Literatura Aplicada ao Teatro Educação. Dos vestígios da experiência criativa suspensa pela greve nas universidades federais nasceram mini células que mantiveram vivas as personagens e a memória dos alunos através de uma instalação construída pelo grupo ocupando os corredores da Escola de Teatro.

No afunilamento do processo criativo, os textos *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga Nunes e *O colecionador de manhãs* de Walther Moreira-Santos foram os que causaram mais alumbramento. As imagens, os cheiros, as vozes, as cores e texturas de suas palavras foram sugados de forma fragmentada e oferecidos aos alunos no formato de propostas, jogos e exercícios, sem o conhecimento de sua origem. Para a autora de *A bolsa amarela*, as palavras eram um brinquedo, assim como as ilustrações. Tentava decifrá-las antes mesmo de saber ler, e assim que aprendeu as pronunciava bem alto: “Ficava repetindo para ver se ouvindo o som conseguia descobrir o sentido”

(LACOMBE, 1997, p.8). Da mesma forma, o pré-texto converteu-se em objeto brincante. Nas palavras de um integrante do grupo, o romance de Lygia “ofereceu tantas possibilidades imagéticas e criativas que a turma decidiu que ele seria o texto base para o produto final”.

## **Nossa bolsa amarela**

A *bolsa amarela* divide com o leitor os dilemas de uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família ao reprimir três grandes vontades, que ela esconde em uma bolsa amarela<sup>1</sup>: a vontade de crescer, a de ser garoto, e a de se tornar escritora. Ao falar das coisas simples da vida sob o olhar dessa menina, o romance contesta à estrutura familiar tradicional em cujo meio "criança não tem vontade". Raquel mistura o seu dia-a-dia com um mundo criado por sua imaginação, povoado de amigos secretos e seres que adquirem vida própria:

Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim: Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. Comecei escrevendo umas cartas: "Prezado André ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá pé"? Um abraço da Raquel. (NUNES, 1998, p.4)

Em meio a episódios reais e imaginários, a menina segue rumo à sua afirmação como parte dessa família, e, sobretudo, como pessoa. É a bolsa amarela que materializa os seus conflitos de crescimento nesse caminho.

Na sala de aula chegavam aos poucos imagens-quadro, que a cada semana se multiplicavam: as primeiras histórias que nos contaram, os livros lidos quando criança, as cartas do amigo imaginário de Raquel, cirandas, os pacotes da tia Brunilda, um baú com nossas vontades, a “casa de concertos”. Uma das alunas assinala a empatia gerada no compartilhamento dos desejos de infância:

Falar desses desejos traz a tona memórias da infância e emociona, tanto pelas nossas próprias memórias quanto por ouvir os desejos dos colegas que nos fazem imaginar as suas infâncias. Surgiram coisas como ter um pai, voar, ser cantora, andar de bicicleta... Ouvir que enquanto eu desejava ter o cabelo grande uma criança da minha idade sonhava em ter um pai é um choque de realidade pra criança que ainda há em mim.

O passado se fazia presente a todo instante. Nossa matéria-prima eram as lembranças de cada um a partir dos dilemas vividos pela personagem, antes mesmo de conhecê-la: nossos quartos, brinquedos e brincadeiras, invenções, desejos, frustrações e castigos que depois foram convertidos em cordel:

Pais querendo educar  
Faziam "coisas" assim  
Era o ato de amar  
Mesmo sobrando pra mim  
A madeira cantava solta  
Parecia não ter fim

---

<sup>1</sup> A bolsa amarela é o que sobra para Raquel em uma distribuição das doações da tia Brunilda.

Os pré-textos foram usados como ponto de partida para o desenvolvimento de propostas e jogos, assim como dos jogos nasceram cenas. Contra a rotina da representação cotidiana e o reducionismo do teatro a técnicas, o jogo é fundamental, sobretudo, na criação dramaturgica, pensada aqui como uma rede de conexões.

As memórias dos participantes se misturavam as memórias da personagem Raquel, que suscitava a discussão de problemas existenciais: “no fim da aula fiquei refletindo sobre como nossos desejos, mesmo que de infância, nos influenciam nas escolhas e o quanto eles mudam com o tempo” (Registro de uma aluna). Lidar com a memória era muito frequente, principalmente através da materialidade oferecida que induzia a criação de cenas. Em muitas delas predominavam flashes da infância de cada um. O percurso criativo, localizado no campo relacional, assim como todos os elementos introduzidos no processo se alimentavam de uma coleta sensível e/ou sensorial. Ao se pensar o processo como um todo, cada ação, cada gesto tinha a sua importância, pois estavam relacionados a outras ações de igual relevância.

### **Materialização do processo ou Imaginação**

Podemos considerar que a materialização do processo em produto inicia com uma imagem irrealizada, mas viva no imaginário do grupo: A sala 5, o espaço de encenação, toda revestida de amarelo. A porta principal é transformada em um zíper gigante por onde entra o público de olhos vendados enquanto palavras do texto são sussurradas. Nosso espaço se converte na bolsa e a bolsa em nossa imaginação. Esta é uma descrição sucinta de uma imagem coletiva construída no percurso criativo. Além da cor amarela, guarda-chuvas estavam entre os objetos mais marcantes. Raquel queria muito ganhar um guarda-chuva e então começou a inventar como ele ia ser e as coisas que aconteceriam com ele.

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica - que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido - perguntou: - Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher? E ele respondeu: mulher. O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. (NUNES, 1998, p.21)

Personagem de *A bolsa amarela*, um ser inventado que adquire vida própria, e de *O colecionador de manhãs*, aonde não chega a ser encontrado, o guarda-chuva se transformou num material muito versátil e significativo que pode ser imaginado e experimentado de inúmeras maneiras, multiplicando sua função inicial e compondo a estética de várias cenas, inclusive como suporte para a projeção de imagens inseridas no percurso criativo.

Era manhã de domingo e chovia. Aquelas manhãs que a gente só fica em casa com nada pra fazer. Ele pensou em ir buscar o jornal na banca, por isso foi procurar o guarda-chuva. Ele procurou em todo canto da casa, mas não encontrou o guarda-chuva, então só faltava procurar no andar de cima na cômoda antiga de 100 anos, ele abriu a primeira gaveta, mas não estava, abriu a segunda é nada, e também nada na terceira. De repente, a gaveta soltou e ele caiu sentado com ela no colo. Mas quando ele foi colocar a gaveta no lugar, ele viu uma caixa de madeira, esquecida no forro da cômoda, era uma

caixa estreita, por um instante ele esqueceu do guarda-chuva. (MOREIRA-SANTOS, 2009, p.23,24)

Deitados e de olhos fechados eles ouviram em voz alta *O Colecionador de Manhãs*, que chegou ao imaginário do grupo como as histórias contadas na infância, e que povoam nossas memórias despertando uma série de construções imagéticas. A materialidade da voz, seus traços e vestígios são um convite para a imaginação. As palavras se enunciam como a memória de alguma coisa que hoje é apenas fagulha. O quebra-cabeça gerado pelos jogos, atividades e improvisações vinha acompanhado de um envolvimento afetivo dos alunos com suas lembranças; como aconteceu em relação a uma cômoda antiga:

Foi bastante significativa para mim a experiência com um trecho do livro *O Colecionador de Manhãs*: o momento em que a gaveta do móvel velho da casa emperra e lá o garoto descobre várias coisas interessantes, inclusive a respeito do seu pai. [...] me fez lembrar de meu avô e de sua cômoda cheia de segredos e recordações. Uma marca que tenho no dedo, devido a um corte com canivete de cabo lindo e atraente que fora de meu avô é a recordação de minha curiosidade. (Registro de uma aluna)

As idéias fluíam em fricção com a materialidade dos textos. A imaginação seguia seu curso. Falar de imaginação é também falar de criação, de atribuição de sentido e de relações. Imaginar é um modo particular de se relacionar com o mundo. Em Sartre, um objeto em imagem supõe uma materialidade, “supõe uma realidade ai fora”, supõe um *analogon*<sup>2</sup>. Para o filósofo, não há como imaginar sem ter consciência de imaginar, sem constatar esse algo no mundo. Imaginar é ter presente um objeto no seio de sua ausência, como ocorre com a carga afetiva de nossos móveis de infância.

Lembrei dos móveis velhos da minha casa, todos sempre doados, tinha um beliche em que dormiam quatro pessoas... ele sempre desabava quando estávamos dormindo... lembro também que ele não poderia sair do lugar porque era velho e remendado. No dia em que minha mãe resolveu desarmá-lo foi uma festa, achamos tantas coisas perdidas debaixo dele. (Registro de uma aluna)

As imagens que invadem à memória, fazem renascer com um novo sentido as narrativas saboreadas. Nossa imaginação criadora combina fatos reais. Agimos e nos realizamos nessas novas ações. Somos agora ficção.

## Considerações finais

Ao final da greve, meses afastados do processo não era possível que ele fosse retomado do momento ebulitivo em que todos se encontravam. Da mesma forma, o restante das aulas não seria suficiente para um recomeço. Pensando a criação na perspectiva da experimentação e da continuidade, como resultado de um processo vivo, uma alternativa foi encontrada. Foi descoberta uma nova possibilidade de se expressar: “[...] Rastros de Raquel tinha signos embutidos em cada fragmento da instalação que nós conhecemos

---

<sup>2</sup> Quando imaginamos, o objeto em imagem não surge do nada, ele tem uma base material, tem relação de identidade com algo real. A matéria desse objeto em imagem chama-se analogon físico – material. Algo pensado também pode ter a função de um analogon. O analogon físico desencadeia outro analogon e constitui-se no analogon afetivo. O analogon vem a nós através das coisas e dos outros.

e descobrimos através do livro, o que não impede que diversas outras leituras sejam efetuadas”. (Registro de uma aluna)

A proposta da construção de um novo formato que materializasse e mantivesse vivo o percurso seduziu a todos. Ainda que a instalação criada pelos alunos não se configure como cena, todas as vozes de *A bolsa amarela* foram escutadas pelos corredores da Escola de Teatro.

Casas, quintais, quartos e objetos decoraram nossas memórias e recarregaram de sentido o nosso espaço. Entrando no prédio os transeuntes podiam ouvir os diálogos de Raquel com seus amigos imaginários, conhecer as suas vontades, sentir o cheiro de café que nos faz lembrar que estamos em casa, conhecer o Jardim dos desejos e deixar lá registrado o seu, em segredo, adentrar na intimidade da personagem conhecendo o seu quarto, seus pertences e as cartas escritas por ela. Era ainda permitido sentir o cheiro e saborear balas de goma/jujuba antes de deixar as suas impressões.

Cada visitante parecia postular seu próprio olhar e cada olhar transcendia um pouco mais as dimensões do real. Nós, idealizadores daquela instalação, não fazíamos juízo algum, posto que estivéssemos tão inebriados quanto qualquer um dentre os partícipes que ali deixavam seus desejos e impressões digitais. (Registro de um aluno)

No intento de um processo mais orgânico, optamos habitualmente na Licenciatura por uma estrutura mais horizontal. A criação é concebida como resultado das colaborações de cada um dos participantes, descartando o olhar do professor e/ou diretor como único. A presença de uma atmosfera lúdica imprimiu no grupo o desejo de continuidade: “[...] a riqueza de imagens produzidas no decorrer das atividades pode ser recuperada em outros momentos, dentro e fora da Universidade”. O processo despertou ainda em alguns a vontade de repassar a experiência para outras pessoas.

Instalação desmontada, silêncio, vazio, mas os nossos desejos só aumentaram: “Meus desejos engordaram e ao contrario dos de Raquel não emagreceram ainda, tenho fome e vontade de aprender do jeito e da forma que a vida permitir”. (Registro de uma aluna)

## Referências

LACOMBE, Amélia; BOJUNGA, Lygia. **Lygia Bojunga**. (Coleção: Conhecendo Nossos Clássicos). Rio de Janeiro: Agir, 1997.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

SANTOS, Walther Moreira. **O colecionador de manhãs**. São Paulo: Formato Editorial, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método**/Jean-Paul Sartre; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores)

